

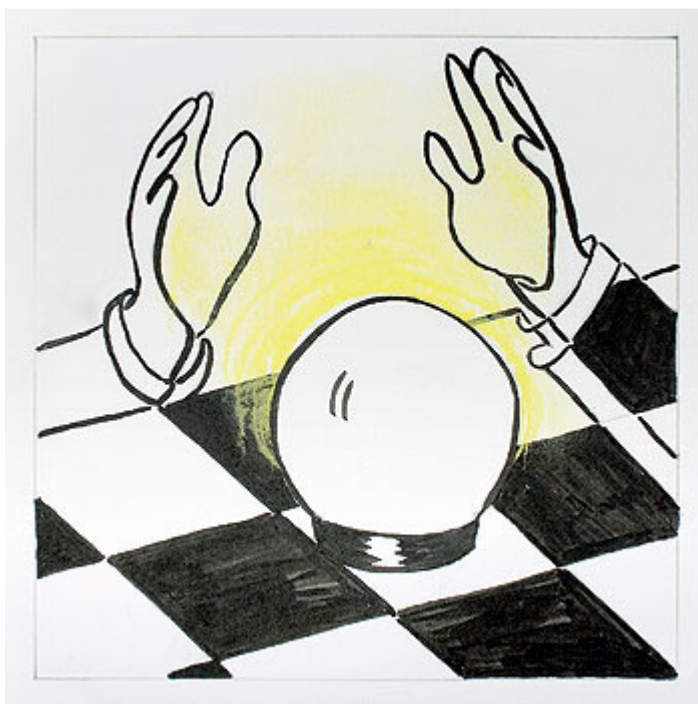
Imprimir

Clemente Nobrega / Inovação

Como nasce um guru

O Irã terá a bomba? Atacar a Coreia do Norte é a melhor opção? Um acadêmico virou uma celebridade com a teoria dos jogos

*Clemente Nobrega**



Você vai jantar com três amigos e combinam rachar a conta. Como sabe que pagará 25% da despesa, escolhe pratos que custem mais ou menos o mesmo que os que seus amigos pediram. É racional agir assim, pois um “amigo” mais malandro que peça lagosta depois que os demais pediram pizza deixará de ser considerado amigo, algo que nenhum dos quatro quer. Já no almoço de fim de ano do escritório há umas 30 pessoas, e você (que está meio duro) vai pedir pizza. Porém, os primeiros a escolher pedem camarões gratinados. Você, que vai pagar 3% da conta de qualquer maneira, muda rapidinho – “camarões para mim também, por favor”. O custo adicional para o grupo será mínimo e você terá uma refeição bem melhor. Muito racional também mas, se todo mundo pensar assim, o grupo gastará bem mais do que se cada um pagasse individualmente pelo que consumisse.

A “decisão racional” de cada um leva o grupo a explorar a si próprio. Questões como o aquecimento global são análogas a essas. Bruce Bueno de Mesquita, da Universidade de Nova York, criou um modelo que prevê resultados de conflitos de interesse assim, no contexto das relações internacionais. O cara virou celebridade porque faz previsões que os fatos confirmam com 90% de acerto, segundo a CIA (de quem é contratado). O New York Times abriu espaço enorme para ele. Empresas o procuram, experts torcem o nariz. Ele diz que não opina, simula. Tipo de problema de que trata: acordo sobre emissões de gases poluentes, a bomba do Irã, o

conflito Israel/Palestina. O pano de fundo é sempre a “escolha racional”/players agindo para garantir o melhor para si.

Bruce Bueno de Mesquita criou um modelo que prevê resultados de conflitos de interesse internacionais

Mesquita usa um ramo da matemática aplicada (Teoria dos Jogos) para responder a questões assim: o Irã terá a bomba? Atacar a Coreia do Norte é a melhor opção? A política “terra em troca de paz” entre israelenses e palestinos será efetiva? Haverá um acordo real em Copenhague? Respostas dele, pela ordem: não, não, não e não. Quer evitar uso predatório de recursos coletivos? Recompense os agentes por agirem de forma altruísta, diz. Imagine fazendeiros cujas vacas pastam no mesmo pasto. Sem algum tipo de “regulação”, a atitude predominante será: “vou botar mais uma vaquinha aqui, senão, alguém fará isso”. Racional, mas levará à destruição do pasto. O melhor é cada fazendeiro ser dono de uma fração do terreno. Só assim haverá incentivo para preservá-lo.

Seu modelo diz que Copenhague definirá padrões mais duros de emissões, mas ninguém dará suporte real. Os líderes, para sair bem na foto, dirão uma coisa e depois farão outra. Em 2050, os padrões estarão bem abaixo dos estabelecidos em Kyoto em 1997, e muitíssimo longe das metas acertadas em Copenhague em 2009. Em 2100, a vontade de regular mais duramente terá desaparecido. Por quê? É que os emergentes de hoje – China, Brasil, Índia – não vão apoiar cortes drásticos em suas emissões, e o grupo pró-regulação nos Estados Unidos e na Europa não terá força suficiente para obrigá-los. Minha previsão: Bruce de Mesquita logo, logo vai virar guru empresarial.



* *Clemente Nobrega é físico, escritor, consultor de empresas e autor do Blog ideias e inovação no site de época negócios*

www.epocanegocios.com.br/clemente

Imprimir

Fechar